

**A GATA BORRALHEIRA  
OU O SAPATINHO DE VIDRO (\*)**

CONTO

Era uma vez um fidalgo que desposou, em segundas núpcias, a mais soberba e orgulhosa mulher que jamais se viu. Tinha ela duas filhas de igual feitio, que em tudo se lhe assemelhavam. O marido, por seu lado, tinha uma filhinha dotada de uma doçura e de uma bondade exemplares; dons que recebera de sua mãe, que era a melhor criatura deste mundo.

Mal se celebraram as bodas, e já o mau humor da madrasta se exacerbava: não podia suportar as boas qualidades da menina, que mais odiosas ainda tornavam suas filhas. Encarregou-a das mais vis ocupações caseiras: era ela quem lavava a loiça e as escadas, quem esfregava o quarto da senhora e das meninas suas filhas; dormia lá no alto da casa, num sótão, em cima de um pobre enxergão, enquanto suas irmãs tinham uns quartos assoalhados, com umas camas à moda e uns espelhos onde podiam mirar-se dos pés à cabeça.

(\*) O sapatinho de vidro (verre), que as edições posteriores transformaram em sapatinho de vair (pele de esquilo), figurava na primeira edição.

A pobre moça tudo sofria com paciência e não se atrevia a queixar-se ao pai, que lhe teria ralhado, pois a mulher governava-o inteiramente.

Quando acabava o trabalho, refugiava-se ao canto da lareira, agachada sobre as cinzas, o que fazia com que costumassem chamar-lhe Raboborrinho (\*). A mais nova, porém, que não era tão ruim como a mais velha, chamava-lhe Gata Borracheira (\*). No entanto a Gata Borracheira, metida nos seus farrapos, nem por isso deixava de ser mil vezes mais bonita que as irmãs, que tão magníficos trajos ostentavam.

Ora aconteceu que o filho do rei deu um baile e convidou todas as pessoas de categoria. As nossas duas donzelas foram convidadas, pois faziam grande figura no país. Ei-las todas contentes e preocupadas em escolher os trajos e os toucados que melhor se lhes coadunassem. Novo desgosto para a Gata Borracheira, visto que era ela que passava a roupa das irmãs e lhes engomava os punhos dos vestidos. Elas só no que falavam era no modo em como iriam vestidas.

— Eu — disse a mais velha — vou levar o meu vestido vermelho de veludo, guarnecido de rendas de Inglaterra.

— Eu — disse a mais nova — só tenho a saia do costume; mas, em contrapartida, vou pôr o meu manto com flores douradas e o meu diadema de diamantes, que não é de todo para desprezar.

(\*) Cucendron. «Gata Borracheira» será uma tradução mais livre de Cendrillon.

Mandaram chamar a melhor cabeleireira, para lhes pôr duas filhas de canudos, e trataram de comprar umas moscas das mais bem confeccionadas. Chamaram a Gata Borracheira para lhes pedirem o parecer, pois ela tinha bom gosto. Gata Borracheira aconselhou-as o melhor que soube, e ofereceu-se mesmo para as pentear; o que elas de bom grado aceitaram.

Enquanto as toucava, perguntavam-lhe elas:

— Gostavas de ir ao baile, Gata Borracheira?

— Ai que as meninas estão a zombar de mim! Isso não são coisas para mim.

— Tens razão, o que não se ririam ao verem um Raboborrinho ir ao baile.

Outra que não fosse a Gata Borracheira tê-las-ia penteado às três pancadas; mas como ela era boa, penteou-as extremamente bem. Andaram quase dois dias sem comer, de tão radiantes de alegria. Partiram-se mais de doze atacadores; à força de as apertar para lhes fazer a cintura fina e elas levavam todo o santo dia em frente do espelho.

Até que chegou o ditoso dia; lá se foram, e a Gata Borracheira seguiu-as com o olhar até desaparecerem de vista. Quando deixou de as ver, desatou a chorar. A madrinha, ao vê-la assim em pranto, perguntou-lhe o que tinha.

— Gostava tanto... gostava tanto...

E de tal modo chorava, que não conseguia acabar. A madrinha, que era fada, disse-lhe:

— Gostavas tanto de ir ao baile, não era?

— É sim! — respondeu a Gata Borracheira, suspirando.

— Pois bem, como és boa menina — disse a madrinha — farei com também que lá vás.

Levou-a até ao quarto e disse-lhe:

— Vai ao jardim e traz-me uma abóbora.